

CORREIO POLÍTICO

Valter Campanato/Agência Brasil



Ação contra o golpe: de novo a construção vira ruína?

Brasil: ou a mão cega executa ou o coração perdoa

Os lindos versos do Fado Tropical, declamados por Ruy Guerra no disco Calabar, promovem um interessante diálogo entre Chico Buarque e seu pai, Sérgio Buarque de Hollanda. O personagem dos versos é o “homem cordial” descrito por Sérgio Buarque. E o “cordial” usado pelo historiador nada tem a ver com gentilezas. O sentido é de passionalidade. Um homem movido pelo coração. Que age, então, como Chico escreve no Fado Tropical: “Mais que depressa a mão cega executa, pois que se não o coração perdoa”. Assim vai o “homem cordial” brasileiro. Sua sina parece sempre alternar momentos de exceção e violência a outros de perdão. E, assim, o “homem cordial” acaba um homem frustrado.

Construção ou ruína

Então, outros versos geniais, esses de Caetano Veloso, resumem a sensação que fica dessas idas e vindas do “homem cordial” brasileiro: “Aqui, tudo parece construção é já é ruína. Ou, nesses também geniais de Cazuza: o Brasil se torna, assim, “um museu de grandes novidades”. Há alguns anos, a “mão cega” do então juiz Sergio Moro, hoje senador pelo União Brasil do Paraná, executou o que seria a maior ação de combate à corrupção brasileira.

Lula Marques/Agência Brasil



Erros de Moro levaram à anulação da Lava Jato

História do golpe repetirá a Lava Jato?

Na Lava Jato, o Brasil viu serem presos grandes empresários e altas autoridades do país. A construção, porém, virou ruína quando se descobriu que Moro combinava as ações com os procuradores do Paraná, de modo a que eles levantassem as acusações que depois ele transformaria em sentença. Após essa descoberta, praticamente tudo o que a Lava Jato fez se desfez pela anulação dos processos. Agora, o Brasil executa sua maior ação contra outra triste mania política: o golpe que interrompe por vezes o nosso avanço democrático.

Será que tudo se arruína de novo?

Será que, mais uma vez, antes de ser construção, tudo irá virar ruína? Será que outra vez a “mão cega” da punição será seguida pelo “coração” que perdoa? Será que outra vez as ações e os seus executores verão o que fizeram questionados, outra vez levando a que tudo seja desmontado? No cerne, os questionamentos contra o ministro Alexandre de Moraes.

POR
RUDOLFO LAGO

Moraes

A essa altura, o ministro do Supremo Tribunal Federal Alexandre de Moraes já produziu duas notas para tentar explicar suas relações e as do escritório de sua mulher, Viviane Barci, com o Banco Master. Não há provas de irregularidades, mas o caso desgastou imensamente o relator do golpe.

Esqueletos

Dizíamos por aqui que a grande preocupação do presidente do STF, Edson Fachin, é com os “esqueletos no armário”, que podem ser usados para justificar eventuais processos de impeachment contra ministros caso de forme um Senado ainda mais hostil após as eleições de outubro do ano que vem.

Dilma

O caso do impeachment de Dilma Rousseff demonstra que tais processos de afastamento não precisam necessariamente de provas cabais. Bastam indícios. Apesar da cara de julgamento, processos de impeachment são políticos, até porque, no caso, os juízes são parlamentares. São senadores.

Damares

Na terça-feira (23), a senadora Damares Alves (Republicanos-DF) protocolou um pedido de impeachment de Alexandre de Moraes. Talvez esse primeiro pedido venha a ser fadado ao fracasso pelas suas circunstâncias. O Congresso está em recesso, só retorna às suas atividades em fevereiro. Até lá, tudo irá depender de como as coisas evoluirão.

Apuração

Pelo que se sabe até agora, o contrato do Master com o escritório de Viviane não se concretizou, até porque o banco faliu. Mas ele previa um pagamento mensal de R\$ 3,6 milhões durante três anos para a defesa do banco. Infelizmente, muitas vezes os julgamentos políticos invertem o ônus da prova.

Diálogo

Moraes nega que tenha falado com o presidente do Banco Central, Gabriel Galípolo, sobre o Master quando esteve com ele. Nada disso tem a ver com a tentativa de golpe de Estado. Mas desgasta o dono da “mão cega”, abrindo espaço para que o coração perdoe. E para que outra vez a construção termine em ruína.

Reprodução ASCOM/Flávio Bolsonaro



Flávio leu à imprensa carta que confirma sua candidatura

Bolsonaro chancela Flávio em meio a críticas

Em carta, Jair esclarece o desejo da candidatura de Flávio

Por Beatriz Matos

A divulgação de uma carta manuscrita em que Jair Bolsonaro confirma o nome do filho, Flávio Bolsonaro, como pré-candidato à Presidência em 2026 ocorre em meio a disputas internas no campo bolsonarista e à movimentação de aliados em torno da sucessão política do ex-presidente.

O documento se tornou público enquanto Bolsonaro estava internado em Brasília para a realização de uma cirurgia e passou a integrar o debate sobre os próximos passos da direita diante da impossibilidade de o ex-presidente disputar eleições.

Intitulada “Carta aos Brasileiros”, a mensagem foi escrita à mão por Jair Bolsonaro e lida publicamente por Flávio Bolsonaro em frente ao hospital DF Star. No texto, o ex-presidente afirma ter enfrentado “duras batalhas”, pagando “um preço alto, com minha saúde e família”, e declara que a indicação do filho ocorre diante de um “cenário de injustiça”.

Em um dos trechos centrais, Bolsonaro escreve: “Diante desse cenário de injustiça e com o compromisso de não permitir que a vontade popular seja silenciada, tomo a decisão de indicar Flávio Bolsonaro como pré-candidato à presidência da República em 2026.”

O documento também afirma que a escolha é “consciente, legítima e amparada no desejo de preservar a representação daqueles que confiaram” em Jair Bolsonaro.

Leitura política

Para o advogado e analista político Melillo Dinis, a carta deve ser compreendida como um movimento de consolidação interna. Segundo ele, “a carta é uma tentativa de consolidar o projeto da família Bolsonaro de disputar as eleições presidenciais em 2026, reduzir os desgastes da indicação e ressaltar a unidade do campo”, em um momento em que a atenção pública estava voltada para a cirurgia do ex-presidente.

Divergências

Desde que Flávio Bolsonaro anunciou sua pré-candidatura, o nome passou a enfrentar resistências públicas dentro do próprio campo conservador. O pastor Silas Malafaia, aliado histórico de Jair Bolsonaro, criticou a pretensão presidencial do senador e afirmou que ele não teria “musculatura política” para sustentar uma candidatura nacional.

Malafaia declarou apoio a uma chapa alternativa, com Tarcísio de Freitas na presidência e Michelle Bolsonaro como vice, em uma aliança com partidos de centro.

Para Melillo Dinis, essas disputas fazem parte do processo interno. “As divergências do campo bolsonarista são legítimas e normais em relação ao poder que cada um deseja. Na verdade, a disputa é sobre qual o pedaço da candidatura que cabe a cada um”, avalia.

Segundo ele, apesar das críticas, “o nome de Flávio está dado e segue muito vivo neste fim de ano”.